

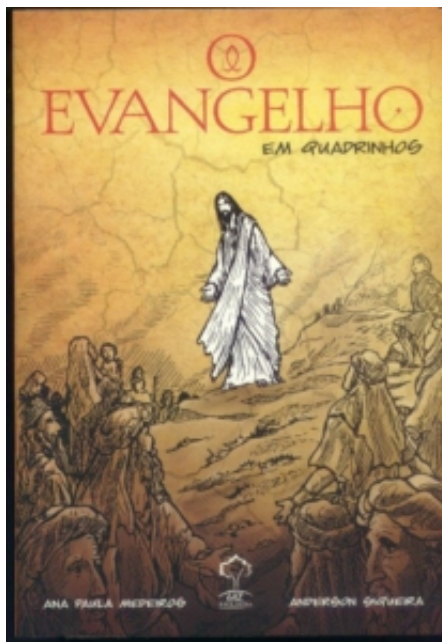
ANDERSON SIQUEIRA



ENTREVISTA

Por Fernando Passarelli

Já pensou no trabalho que dá para adaptar a Bíblia em quadrinhos? E fazer isso não apenas uma, mas quatro vezes? O mérito é de Anderson Siqueira. A primeira quadrinização que ele fez, “A Bíblia Infantil em Quadrinhos”, foi lançada em 2007. A segunda é “O Evangelho em Quadrinhos”, que saiu em 2009, pela Giz Editorial. A terceira, “Jesus – Evangelho Infantil em Quadrinhos”. E ainda tem a “Bíblia Juvenil Ilustrada”. Todos estes trabalhos com duzentas,



trezentas páginas... Um fôlego divino, com o perdão do trocadilho. Anderson diz que começou a desenhar *“na escola, igual a todo mundo, só que alguns pararam, e eu continuei”*. Autodidata, tem passagens por jornais e revistas, para os quais fez cartuns e charges. Também se aventurou pelo design e animações, nesses 15 anos de carreira. O “Evangelho em Quadrinhos” merece destaque entre outras produções do gênero, que saíram no Brasil. Traz

um estilo de desenho próximo dos clássicos de história, publicados nos primórdios da HQ brasileira, e vem com mapas de localização, dicionário de nomes e outras informações úteis ao leitor. A parceira de Anderson nessa empreitada é Ana Paula Medeiros, jornalista e roteirista. A conversa com o ilustrador segue abaixo:

DEUS NO GIBI – Como surgiu a ideia desse projeto?

ANDERSON SIQUEIRA – O “Evangelho em Quadrinhos” foi ideia de Ednei Procópio, editor da Giz Editorial, depois que conheceu a “Bíblia Infantil em Quadrinhos”. Ele propôs que fizéssemos a quadrinização dos evangelhos, voltada para o público mais adolescente e adulto, seguindo a mesma linha da “Bíblia Infantil”, uma adaptação fiel.

DEUS NO GIBI – Quanto tempo você levou para desenhar?

ANDERSON SIQUEIRA – O projeto se desenvolveu nessa ordem: argumento, desenho, digitalização, diagramação, aprovação e fechamento. As 382 páginas foram entregues em seis meses. É engraçado lembrar que, após o trabalho ser entregue, ainda ficou um período de dois meses na editora para revisões e avaliações até que entrasse em máquina. Contando a negociação, acredito que passei mais tempo conversando sobre o projeto do que trabalhando efetivamente nele.

DEUS NO GIBI – Você teve contato com outros livros que trazem o evangelho em quadrinhos, como a “Mangá Bible”?

ANDERSON SIQUEIRA – Só vi a capa e li a sinopse. Por causa do pedido exaustivo dos meus editores para que a “Bíblia Infantil” e o “Evangelho” fossem fieis, evitei as influências externas. O que foi bom, porque depois dos trabalhos prontos vi o quanto perigoso poderia ser, não só pela total falta de bom senso de algumas adaptações, como também pelas revolucionárias, polêmicas e duvidosas formas de apresentar as histórias e os personagens. Muitas que vi não seguiam nada do que está na Bíblia, e essa nunca foi a proposta.

DEUS NO GIBI – Como foi a opção pelo traço escolhido? Seu desenho tem um estilo realista, sem os exageros de alguns quadrinhos atuais, e muito parecido com antigas revistas de história publicadas no Brasil.

ANDERSON SIQUEIRA – Li uma frase interessante assim: “As pessoas riem da moda passada, mas seguem religiosamente a moda atual”. Essa comparação do meu traço com as antigas revistas de história do Brasil é uma grata surpresa para mim. Se houve a comparação, podemos supor que existe um estilo, se ele existe, então porque jogar tudo no lixo e abraçar um modismo duvidoso? Os Evangelhos são clássicos e eu só conheço uma maneira de desenhar clássicos.

DEUS NO GIBI – A opção pelas páginas em preto-e-branco é uma forma de facilitar o acesso do público-alvo ao livro?

ANDERSON SIQUEIRA – Cada editora conhece seu público alvo. A “Bíblia Infantil em

Quadrinhos” foi produzida em cores, com capa dura, cor especial e verniz localizado. Já o “Evangelho”, desde o começo, a editora queria preto-e-branco. Cada um tem sua própria visão de mercado e sua maneira de trabalhar.



DEUS NO GIBI – Continuando na comparação com a “A Bíblia Infantil em Quadrinhos”, o que foi que você aprendeu com esse livro que o influenciou na hora de fazer o novo trabalho?

ANDERSON SIQUEIRA – Aprendi que tudo se torna mais palpável e real. Dar um rosto a Abraão e Jacó, desenhar cada filho, que mais tarde seriam as tribos de Israel, te leva a uma proximidade, conhecimento e entendimento maior dos patriarcas dos Judeus. Moisés e sua jornada, Josué, os juízes, os reis e os profetas, tudo te conduz ao crescimento do povo, seus costumes e valores, e cada personagem da história ganha um rosto e personalidade, que sempre estiveram ali, mas encobertos pelos textos hora complexos e repetitivos. Quando cada um deles é trazido à luz da personificação, a história começa a fazer sentido. Aí se entende o que a vinda de Jesus representou de fato, e qual foi o impacto na sociedade. Primeiro, ao povo que acompanhamos e entendemos durante a história, e depois o impacto acaba refletindo em você mesmo, seus próprios valores e entendimentos. Essa totalidade de acontecimentos ajuda a compreender um pouco melhor o que Jesus foi e qual sua mensagem. Quando fizemos “O Evangelho em Quadrinhos” essa compreensão dos acontecimentos ainda estava bem viva na memória, e quando Jesus diz que é maior que Salomão, cita Davi e conversa com a mulher samaritana, o entendimento do que Ele diz é total. Muita gente pula partes importantes da história. Isso acontece nas quadrinizações que vi dos evangelhos. Por exemplo, adoram pular o sermão da montanha por ser longo e chato, mas quando se desenha Jesus dizendo cada

parte, compreende-se que ali é formada a base de toda a doutrina cristã.

DEUS NO GIBI – Num projeto como esse, o que é mais difícil? As referências dos personagens, por exemplo, são suficientes?

ANDERSON SIQUEIRA – E de onde saíram todas elas? Não precisa de mais do que já está lá na Bíblia. O mais difícil é fugir das opiniões, e das interpretações que vem de todas as partes. O leitor tem direito às suas interpretações, não preciso forçar ou aceitar nenhuma. Os textos são ricos em descrições, emoções, cronologia e principalmente narrações e diálogos. Procurar influências externas, é admitir interpretações de terceiros, que



fatalmente descaracterizariam a fidelidade ao texto original. Um exemplo disso: as quedas de Jesus, no caminho ao calvário, bem como o choro de Maria, e o véu de Verônica, não são narradas em nenhum dos evangelhos, entretanto, são seguidas nas interpretações populares da Paixão de Cristo. Outro exemplo: Baltasar, Gaspar e Belchior, o nome dos reis magos; Salomé, filha de Herodias, que pede a cabeça de João Batista, não tem seus nomes citados nos Evangelhos. E a proposta é quadrinizar os evangelhos, não o que se pensa que está escrito neles. Aceitar isso, é admitir que Maria Madalena foi a mesma mulher que Jesus salvou do apedrejamento. Não seguir o texto, é enveredar por um perigoso caminho de suposições, que certamente macularia a veracidade da obra e a ideia original. Vestimentas, arquitetura e objetos foram pesquisados para melhor retratar a época, mas influências filosóficas e religiosas não foram adotadas.

DEUS NO GIBI – Para finalizar, que super-poderes você acha que faltam hoje ao cristão brasileiro?

ANDERSON SIQUEIRA – Não sei, não posso falar por cristãos, por judeus, muçulmanos, budistas ou qualquer outra religião. Analisar o que agrega ou falta em todas elas parece impor uma forma de visão do que é verdade, que não me é direito. Viu o que passamos para

quadrinizar a Bíblia e o Evangelho? Fugir de opiniões pessoais para não macular a obra. Mas posso lamentar por pessoas que ainda acreditam que história em quadrinhos envolve exclusivamente personagens infantis e super-heróis. Acredito que toda a obra deveria ser quadrinizada, de Paulo Coelho a Dante, acredito na força da história em quadrinhos no aprendizado. Quando uma obra é bem quadrinizada, o reconhecimento vem nas palavras de um velho impressor que me disse: “apesar de rodar centenas de Bíblias, eu nunca a li, só a conheci mesmo quando li a “Bíblia em Quadrinhos”.

Para conhecer mais sobre o trabalho do Anderson Siqueira visite:

<http://andersonsiqueiraquadroquadro.blogspot.com/>

